

O TEMPO

05 DE MAIO
DE 1865

PROPRIETARIO E DIRECTOR DA REDACÇÃO JOAQUIM MOREIRA LIMA.

Publica-se todas as segundas e quintas-feiras. -- Subscryve-se no escriptorio desta typographia, para onde deve ser dirigida toda a correspondencia, a razão de 3.000 por trimestre, pagos adiantados.

Os annuncios dos Srs. assignantes serão impressos mediante a paga de 40 rs. por linha. Os que não forem pagados 100 rs. Todas as demais publicações far-se-hão segundo o ajuste. Folha avulsa 100 rs.

A REDACÇÃO SÓ É RESPONSÁVEL POR SEUS ESCRIPTOS.

O TEMPO.

Parahyba 8 de Maio.

O estado actual dos presos recolhidos a cadeia desta capital deve merecer da parte do nosso governo seria attenção a vista da falta de recursos, a que se achão redusidos pela privação do trabalho, que lhes decretou o Sr. Dr. chefe de policia, e outros sofrimentos a que estão sujeitos.

Não ha quem ignore a pobreza de quasi todos os presos existentes na cadeia, e por isso todos que para ella entrão, são obrigados a aprender o officio de sapateiro, alli mais geralmente usado, affin de adquirir algum recurso com que possam melhor prover sua sustentação, e de suas familias, se são casados.

A assembleia provincial para auxiliar a esses infelizes costuma annualmente consignar, na lei do orçamento, certa quantia para seu alimento e vestuario, regulando ella de 240 rs., e as vezes 320 rs. para a diaria de cada um.

Essa diaria porem é, como sabem todos, insufficiente, e só por auxilio pode servir; os presos chegariam ao ponto de morrer de fome, como actualmente quasi vai succedendo, se por ventura não tivessem os recursos do seu trabalho.

E mesmo assim, se se lhes entregasse realmente essa quantia todos os dias para elles por si proverem-se do que melhor lhes agradasse para a comida, nada era extranhavel; elles que a applicassem ás suas necessidades, mas assim não succede, essa pequena quantia é convertida em uma cousa, a que chamão rações diarias fornecidas pelos carcereiros sem exame do chefe de policia, resultando d'ahi, que os presos nada aproveitam, porque as vezes a comida lhes não convem, e se gasta por este modo sem utilidade alguma em proveito da cadeia de reis todos os mezes, sem ser satisfeito o fim da lei.

Esse sistema adoptado na cadeia de ser a diaria dada aos presos em rações e estas fornecidas pelos carcereiros é visivelmente contrario á disposição da lei, em manifesto prejuizo dos mesmos presos e só em proveito daquelles.

Mas prescindimos dessas diarias; sejam ellas, ou não dadas em dinheiro ou em rações como está estabelecido, segundo parece, no regulamento da policia, queremos somente occupar-nos da privação do trabalho, a que se achão condemnados esses infelizes, ja tão aporreados da sorte.

Desde o ultimo acontecimento de mastros, que deu-se na cadeia, devido ao mesmo ao Sr. Dr. chefe de policia pelas imprudentes medidas, que costumava, como então demonstramos, ao trabalho completamente prohibido aos presos.

Não se sabe, os utensilios de que se serviam foram lhes barbaramente

arrancados, e deitados fora, sem attende-se que haviam custado dinheiro a esses pobres homens, e portanto de sua propriedade.

Procedeu-se nessa occasião com a maior violencia, tornando-se o Sr. Dr. chefe de policia surdo ás reclamações que lhe foram feitas.

Consta-nos que o Sr. Dr. chefe de policia vive sempre a seimar com fúrias dos pobres presos, pelo que ja hoje até nem confia nos commandantes da guarda da cadeia, e nem ao menos no commandante geral do destacamento, tanto que representou á S. Exc. contra a frouxidão desses officios, nos quaes deseja ver substituidos pelos seus intimos.

É um pesadelo de S. S. para melhor desenvolver a sua energia, ja tão apreciada nas diversas occasiões urgentes em que se têm achado.

Se o Sr. Dr. chefe de policia receia tanto essa tentativa de evasão, por que acabou com o trabalho, em que vivão occupados os presos?

Onde descobrio S. S. que prohibindo o trabalho a esses infelizes, e conservando-os em perfeita ociosidade, era isso melhor para a boa ordem da cadeia e regularidade da disciplina?

Os presos applicados ao trabalho adquirem mais moralidade, e o habito do serviço traz o amor á quietação. Depois, contando elles com melhores recursos para sua sustentação, e para auxiliar suas familias, nunca procurão evadir-se, e esperarão resignados o cumprimento de suas sentenças, e se alguns pela gravidade das penas, que são condemnados, em por isso os mais desordeiros e aventureiros a promover qualquer insurreição são logo repellidos, e sem resultado semelhantes tentativas.

Se o trabalho portanto a que se pode applicar os presos não favorece esses vícios, qual a razão de o ter prohibido o Sr. Dr. chefe de policia?

É uma inhumidade, que desmente muito altamente o liberalismo de que se a honra, o conservar-se a esses infelizes e perseguidos de sua mesquinha sorte, sem poderem procurar o meio de se sustentarem, e as suas familias, e vestidas.

É uma infidelidade, sendo violencia inaudavel da parte de S. S., como mandado, obrigar a esses homens a semelhante condição, quando a lei o prohibe do trabalho, e antes se recusa a admitte. É para que está o trabalho agglomando a cadeia com todos os presos dos municípios limitrophos na mesma casa evasão?

Não temos na cidade de Arica, em Patos, em Pombal, no Teixeira e em Souza, cadeia feitas á custa do cofre provincial, e a seguir, onde os presos condemnados possuão alguma coisa?

É o mesmo a cadeia desta cidade com 170 presos, mais que previne-se a insurreição.

Clamamos contra esses abusos, e creia-nos o Sr. Dr. chefe de policia, que continuaremos a clamar; porque estamos convencidos, que S. S. não gosta das verdades e essas havemos sempre dizer, embora se incomode com as nossas observações.

Seja vigilante no serviço da cadeia, mas não queira reduzir a miseria a essa gente que nem ao menos pode implorar a caridade publica.

Leamos na chronica da policia que o Sr. Augusto José Vicente havia sido exonerado a pedido do lugar de carcereiro, e que fora nomeado para o substituir o Sr. Monteiro Regadas.

Ja tinhámos ouvido dizer que o Sr. Augusto ha tempos procurava demittir-se, talvez para não ser testemunha da miseria, a que o Sr. Dr. chefe de policia tinha reduzido esses infelizes.

Fez bem o Sr. Augusto, e mostrou assim que não aceitava a responsabilidade do acto arbitrario da policia, e das tristes consequencias, que elle podia acarretar logo que o desespero não encontrar limites.

O que admira-nos é que o Sr. Dr. chefe de policia tao prevenido, como se vê com a cadeia, que nem sequer ja se lembra de nomear ao Sr. Monteiro Regadas, sem pratica, nem experiencia desse officio, e que muitas vezes se achará embaracado no cumprimento das ordens terminantes de S. S. São dessas extravagancias, a que são sujeitos os homens de vastos recursos.

Edimos a S. Exc. se digna lançar um olhar sobre o estado da nossa cadeia, e que attenda aos pedidos daquelle desvalido.

Debalde esperamos, ate hoje, que a chronica policial esclarecesse, como costuma, o facto ultimamente occorrido na Bahia da Traição relativamente a prisão do capitão José Felix do Rego Barros e da escolta que o acompanhava em serviço da guarda nacional, facto este de que tratamos resumidamente em nossa gazetilha de um dos numeros passados.

Bem sabemos que a policia so publica o que lhe convém e isto mesmo á seu gosto; mas, entretanto, como a occorrença de que se tratava tinha sido publica e summamente escandalosa, quizemos illudir-nos por momentos á espera de que o chronista dissesse alguma cousa; ao menos em defeza dos agentes, policiaes envolvidos neste negocio.

E enganamo-nos completamente: a policia emudeceu ante o escandalo revoltante de seus agentes, e o Sr. Dr. Gervazio que é tão prompto em praticar violencias contra cidadãos inortgerados, sob qualquer pretexto, nem sequer teve a menor palavra para censurar os autores do que occorreu na Bahia da Traição!

Não tendo nós os mesmos motivos que S. S. para occultar os desmandos

policiaes, e além disto estando perfeitamente informados, voltamos sobre o assumpto que nos parece digno de attenção.

Eis o occorrido:

No dia 4 de abril, seguiu o capitão José F. R. Barros á povoação de Coqueirinhos para prender alguns guardas de sua companhia, designados ao destacamento de guerra e que não querião submeter-se ás suas ordens.

De volta desta deligencia, foi acompanhado na Bahia da Traição por 3 inspectores de quartelão que a frente um tróço avultado de homens, e por mandado de Eufrazio da Fonseca Galvão, pretenderão soltar os guardas apresionados. Tendo-se, porém,

opposto o capitão Barros a semelhante despropósito, deu-lhe ordem de prisão em nome do subdelegado do districto e a toda a escolta que o acompanhava.

O capitão Barros recolheu-se á uma casa e os guardas da escolta foram postos na gargalheira.

No dia seguinte com a chegada do subdelegado que mora distante do lugar 5 leguas, em vez de pôr-se termo a tão maudito escandalo, reformou-se a escolta.

permanecia o preso, e a escolta se atropelladamente se lhe fôrgear um processo por offensas phisicas leves, na pessoa de José Cordeiro Lisboa, um dos guardas apresionados pela escolta, o qual tendo conseguido evadir-se de lá nessa occasião com a mão de encontro á uma cerca.

Foram considerados presos em flagrante o capitão Barros e a escolta, quando sabia-se moralmente a origem do facto que se lhes imputava.

Jose Cordeiro apresentou, entretanto, a respectiva queixa 3 dias depois, a qual foi aceite para servir de base ao processo.

Inquirirão-se 8 testemunhas que depuzeram unanimemente, referindo-nos todas ellas ao testemunho de João em massa, sem contudo affirmar nenhuma por si a verdade do que depunha!

Estas testemunhas forão os mesmos inspectores e os que os ajudarão á prender, segundo dizião, em flagrante ao capitão Barros!

Não satisfeita a policia da Bahia da Traição com todas estas violencias, tentou ainda arranjar mais dois processos contra o mesmo capitão, sendo um pelo fantasiado furto de 100\$000 na occasião em que cercou-se a casa do guarda Joaquim Alberto para prendê-lo, e outro por homicidio em Coqueirinhos, dando lugar á essa ultima imputação a morte de um individuo occorrida no dia 7 em consequencia de padecimentos antigos.

Estes processos, porém, erão tão escandalosos que não poderão proseguir, ainda que tivesse apparecido a respectiva denuncia.

Custa a crer em semelhantes abusos, e mais ainda attendendo-se a

Continuando as queixas contra o fornecimento do exercito. Havia queixas tambem entre os officiaes por causa de arbitrariedades, e tendo ja deixado as fileiras mais de 20 desgostosos.

Tinha havido diserções na guarda nacional, na infantaria de linha e no 2º corpo de voluntarios. Consta que tambem havia desgostos entre o general Ozorio e o vice-almirante.

Corria em Montevideo que havia ordem para demorar-se todos os vapores que chegassem, afim de conduzir tropas para lugar reservado.

Matto Grosso.

Esta desgraçada provincia e preza actualmente das maiores e mais duras calamidades. Alem da invasão de seu territorio por hordas selvagens de paraguayos, luta com necessidades de todo o genero.

A falta de munição de guerra para repellar seus barbaros invasores acrece a de alimentos para sua população espavorida e extraviada pelas matias, onde, muitas vezes procurando abrigo contra o morticínio e crueldade dos paraguayos, succumbem nos pantanos, a fome, ou devorados por animaes ferozes.

E, alem de tudo isto, como se fora pouco a provaça porque esta passando, os rios transbordando augmentam seus infortunios.

As familias voão de todos os lados ante tão penosa scena, procurando refugio, por caminhos inhospitos e de centenas de leguas, expostas a toda a sorte de precisões, nas provincias limitrophes de Minas, S. Paulo e Goyaz.

Não ha força alguma regular na provincia que opponha-se ás depredações a que se ve sujeita; os poucos soldados que se ve escapado tem escapado ao inimigo.

Essas duas insignias e o pavilhão nacional se achavam arrebataados por barbaros. Nenhum commento então se fez, mas bem depressa a chegada do General, a 6 do mesmo mez, com a funesta noticia da tomada de Coimbra e da approximação dos Paraguayos a Curitiba, veio ligar aquelle acontecimento o presagio do que temos sentido e soffrido.

A queda das armas imperiaes do portão do quartel militar onde estiveram tantos annos o 2º batalhão de artilharia e o corpo de artilharia da provincia, aquelle então fortificando o Curitiba, e este Coimbra, diz o vulgo, foi o presagio—do desaparecimento do pavilhão brasileiro e da sua substituição pelo do Paraguay naquelles dous pontos, com a queda das armas orientaes e triumpho das armas brasileiras em Montevideo.

Desde este momento infausto da tomada de Coimbra, não ha descanso nesta capital, como em ponto algum da provincia.

As noticias se succedem umas após outras mais aterradoras.

Hoje Coimbra, amanhã Curitiba, depois Nioac e Miranda, agora o distrito da freguezia de Pedro II, logo a desgraça, o apresionamento de centenas de nossos irmãos, depois de outros mortos a fome, affogados e pesteados pelo meio do oceano imenso de aguas que cobre todos os campos, especialmente nos pantanos do baixo Paraguay, onde vivem cercados de inimigos, além das feras: são estas as tribulações que a todos os momentos nos levam a desesperação.

Dia e noite, ameaçados pelo Paraguay, pela Bolivia; dia e noite um raio de esperança se abre no fundo de nossos corações, para logo se

de ha de ser a responsabilidade do governo.

As gerações futuras lhe pedirão contas da nossa nacionalidade.

Os coevos lhe increparão o desleixo de uma provincia fronteiriza ahebrão as paginas dos annos das emmaras de 1838, e apontarão as proviças dos deputados Peixoto de Azevedo e José Heffim de Almeida, que não têm souberam annuciar então os acontecimentos futuros, como se factos ja fossem.

Os contemporaneos dirão: se não não emergis na commuñão brasileira os filhos da Matto-Grosso, porque vos não declarastes?

Avisados, teriam escapado ao despotismo paraguay, escolhendo em outra nacionalidade um systema irmão do que professavam.

Taes são as explosões que a desesperação tem arrancado a um povo martyr de soffrimentos e martyr de esperanças.

Martyr de soffrimentos, porque a guerra, a fome, e quicá mais logo tambem a peste, a inundação, são a travasão das iras celestes.

Prostramo-nos diante de Deus, choremos em sua presença, confessemos os nossos delictos, voltemos a face aos males commettidos, e sua misericordia nos salvará das afflicções presentes.

Horroroso o quadro de tamanhas calamidades!

A esta hora pode affiancar-se estar em perigo dos paraguayos a capital da provincia.

De cartas de Curitiba em data de 27 e 28 de fevereiro consta-nos o seguinte:

O tenente coronel Dias communicou que nos ataques de Nioac, Dourados, Miranda houve muitas matanças.

que houvera feito não só de Santo Antonio para baixo, como nas fazendas e propriedades situadas a margem de outros rios, cujas aguas são bebidas pelo Cayala.

Esta calamidade, após a da pirataria paraguay, que já nos affligia, e cujos prejuizos particulares são calculados tambem em mais de quatro mil contos, e, foi a mais horrivel por que tem passado a provincia de Matto-Grosso.

Não achamos na ordem natural origem de semelhantes effeitos.

Todos levantam os olhos ao céo e exclamam—Peccavimos Domine,—e do céo esperam o socorro que a terra não tem sabido ou podido dar.

Jerusalem sob o bloqueio de Tito Vespasiano, ardendo inteiramente em uma fome devoradora: é o aspecto da nossa capital sitiada pelos Paraguayos, ardendo tambem em fome, e opprimida metade por uma horrorosa inundação.

Miseraveis de nós, peccamos, a guerra, a fome, e quicá mais logo tambem a peste, a inundação, são a travasão das iras celestes.

Prostramo-nos diante de Deus, choremos em sua presença, confessemos os nossos delictos, voltemos a face aos males commettidos, e sua misericordia nos salvará das afflicções presentes.

Horroroso o quadro de tamanhas calamidades!

A esta hora pode affiancar-se estar em perigo dos paraguayos a capital da provincia.

De cartas de Curitiba em data de 27 e 28 de fevereiro consta-nos o seguinte:

O tenente coronel Dias communicou que nos ataques de Nioac, Dourados, Miranda houve muitas matanças.

preso, e as pessoas que havia no engenho acham-se em Curitiba!

O presidente tem tomado as medidas que antes tomava (cemiterio) e por ali veja como e em que pé pode estar a nossa provincia! A toda a hora conto com os Paraguayos na capital, e talvez a demora delles seja de vida a saberem que o Sr. Leverger e commandante das forras. A este homem devemos tudo: a não ser elle teria havido uma revolução e não sei o rumo que tomara a nossa pobre provincia.

Alem destas noticias lê-se no *Correio Mercantil*:

A bordo do paquete *Santa Maria* chegaram hontem de Santos tres fugitivos de Nioac, os Srs. Ladislao Marcondes de Oliveira Campos, Leonidio Justino Fernandes e João Pedro Tori.

Estes cavalheiros, diz a *Revista Commercial*, assistiram a tomada e incendio de Nioac, em frente a cuja povoação, a menos de meio quarto de legua, se conservaram por 40 dias no matto, soffrendo as maiores privações, por não poderem transitar pelas estradas e campos, cortados de tropas paraguayas.

Viram incendiar suas propriedades; ficavam reduzidos a ultima miseria e atravessaram centenas de leguas.

O Sr. Marcondes perdeu a sua casa, que foi saqueada e incendiada, e, o que é mais doloroso, perdeu sua mulher e filhos, que estavam na fazenda de seu sogro, o fazendeiro João Ferreira Ribeiro, que foi preso com 40 pessoas de familia e escravos, roubando os inimigos gados, cavalhadas e lançando fogo a todos os predios da fazenda.

O Sr. João Pedro Tori, negociante de joias, que tinha chegado a Nioac havia sete dias, com um capital de 11,500 patacões, feito na cidade de Montevideo, perdeu tudo: O Sr. Leonidio Justino, subdito portuguez, negociante de molhados, perdeu tudo igualmente.

Segundo referem estes senhores, os Paraguayos que invadiram do Baixo Paraguay a comarca de Miranda, são tropas regulares de infantaria, cavallaria (lançeiros) e artilharia, bem armados e montados, em numero de 2 a 3,000, e não estão como se assomou, nas immedições de Sant'Anna de Paranyba, mas nas proximidades de Nioac, 200 leguas de Sant'Anna, tendo soffrido alguma perda na passagem do rio Aquidauana, que tem ram, e donde foram repellidos pelos indios Terenes, que mataram-lhes: gumas praças e o guia, que era um soldado brasileiro dos extraviados.

Alguns fugitivos, inclusive o Barão de Villa-Maria, tem vindo palando noticias aterradoras, e muito tem contribuido para se aditar na proximidade dos paraguayos a nossa fronteira de S. Paulo e a Minas; isto, porem, não é exacto, quando acabamos de verificar por informações desses senhores, que hiram de Sant'Anna da Paranyba no dia 27 de março e das proximidades de Nioac no dia 40 de fevereiro se vê, pois, que nenhuma noticia mais moderna possua ter.

Matto-Grosso o batalhão de caçadores de guarnição.

Tinham-se offerecido para o serviço da guerra alguns officiaes da guarda nacional.

O mesmo offerecimento fizera o Sr. brigadeiro reformado José Pedro Barate, acrescentando o de uma consignação de 20\$ rs. mensaes, deduzida de seus vencimentos.

S. Paulo.

O que ha de mais importante desta provincia é a partida do coronel Braga e de sua comitiva para Matto-Grosso. A escolta de 500 homens que o acompanha, e a unica que o governo entende dever fazer marchar immediatamente, vai inteiramente desarmada. As doencas e falta de viveres, etc., tem feito apparecer as diserções—que em poucos dias, já chegam ao numero de 19 soldados.

Rio de Janeiro.

O governo continúa em sua marcha de ineptia e desidia. Apesar dos grandes interesses que se debatem no imperio, não perde occasião de negligenciar a seus adversarios politicos e de satisfazer as vistas de seus adeptos. O partido e somente o partido é o que mais prende-lhe a attenção. Arrastados as pastas, para que, por seus actos, tem constantemente provado não serem capazes n'uma epocha normal e muito menos na em que nos achamos, os ministros e seus amigos fazem esforços herculeos, afim de continuarem na administração do paiz, a que tem exposto ás calamidades horribes que todos presenciámos.

Corre, entretanto, conjecturas de toda a especie sobre sua duração no poder: uns pretendem que com a abertura das camaras recomposição de novo plebeo: nisse ainda ver o actual lume a luz.

Cada teresse

O qu

posic

rio

mes

Alem das noticias officiaes que irá n'outro lugar, temos o seguinte:

Achavao-se em sessões preparatorias tanto o senado como a camara dos deputados.

Foi escolhido senador pelo Maranhão o Sr. Antonio Marcelino Nunes Gonçalves.

Estão reconhecidos deputados pelo Ceará o Sr. José Liberato Barroso.

Pela Bahia o Sr. Pinto Lima.

Pelo Paraná o Sr. Jesuino Marcondes.

Pelo Maranhão os Srs. Gentil Homem e Tavares Belfort.

Lê-se no *Jornal do Commercio*:

Consta-nos que os colonos de D. Francisca, na provincia de S. Catharina, tendo a sua frente o Sr. Guilherme Hoffman, negociante e agricultor do local, offerecerão ao governo imperial, com o fim de formarem um batalhão para marchar em defesa do imperio.

Foi nomeado enviado extraordinario em missão especial junto ao imperador dos francezes, o Sr. barão do Penedo.

Teve lugar, na casa do Dr. Urbano, deputado por Pernambuco, uma reunião afim de preparar uma manifestação aos voluntarios que se esperava daquella provincia.

Esta reunião foi presidida pelo Sr. Saldanha Marinho.

Havia chegado a corte o Sr. D. José Marriot, ministro argentino junto ao governo do Brasil.

Foi recebido, no dia 8 do passado, em audiencia publica, o Sr. Augusto van Lee, ministro da Belgica, em nossa corte.

Uma commissão nomeada pelo traca de commerce trata de diri

«Que explicação tem o procedimento do governo neste caso?»

E' censuravel.—Ainda é de um nosso assignante a informação abaixo:—

«Consta-nos que o alferes Aristides logo que fundeara o vapor *Paraná*, fóra a bordo apresentar ao commandante da portaria do governo ordenando seu embarque, e escolher um melhor commodo, porque ainda não se achava de todo restabelecido da molestia que o privou de seguir com o seu corpo. Dirigindo-se ao Sr. commandante e communicando a sua pretensão, este lhe declarou que só havia 14 camarotes que estavam reservados para os passageiros do governo, como tinha já officiado a S. Exc. Entao observou-lhe o mesmo alferes q' passageiro do governo elle tambem como mostrava, e por isso julgava-se com direito a um camarote. O Sr. commandante, porem, disse-lhe decididamente que lhe não dava camarote, e resignando-se o Sr. alferes a ir no tombadillo até Pernambuco, na esperança de ali saltarem alguns passageiros e elle arranjar commodos, o Sr. commandante ainda observou-lhe que não contasse com camarote durante a viagem, e que escusado era elle ir fazendo tal caminho!

«Não sabendo dito alferes explicar o procedimento do commandante, dirige-se a S. Exc. expondo o que se tinha passado e pedindo providencias. S. Exc., porem, depois de ouvi-lo disse-lhe que nada podia providenciar, visto que não mandava a bordo do vapor. De sorte que segue no tombadillo um official do exercito, porque os commodos que haviaão, quando elle foi a bordo, estavam a disposição do governo para seus passageiros! ! !

E'